

ACTAS DO  
CONGRESSO  
INTERNACIONAL  
PENSADORES  
PORTUENSES  
CONTEMPORÂNEOS

1850-1950

Vol. III



temas portugueses

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
CENTRO REGIONAL DO PORTO

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

## RAUL PROENÇA E A RENASCENÇA PORTUGUESA: DA FUNDAÇÃO À DISSIDÊNCIA COLABORANTE

ANTÓNIO REIS

*Universidade Nova de Lisboa*

O papel de Raul Proença na fundação da Renascença Portuguesa não tem sido suficientemente valorizado. Do mesmo modo, os verdadeiros contornos da sua posterior dissidência carecem de uma melhor dilucidação. Eis, pois, o que justifica a presente comunicação a este Congresso.

O recurso aos espólios de Raul Proença (BN, Esp. E7) e Jaime Cortesão (BN, Esp. E25), designadamente às cartas trocadas entre ambos e às cartas de Sérgio e Álvaro Pinto para Proença, permitiu-nos reconstituir com mais rigor os sucessivos episódios da relação que se estabelece entre o futuro fundador e espinha dorsal da *Seara Nova* e a *Renascença Portuguesa*.

Raul Proença tinha, tal como Jaime Cortesão, 26 anos quando a República foi implantada. Colaborador de jornais republicanos como *A República*, de Artur Leitão, e a *Vanguarda*, de Sebastião de Magalhães Lima, é como articulista da revista *Alma Nacional*, de António José de Almeida, publicada entre Março e Setembro de 1910, que o seu nome alcança maior prestígio nos meios republicanos.

Curiosamente, é nos artigos então aí publicados que o seu pensamento começa a evoluir para um espiritualismo vitalista em ruptura com os cânones positivistas dominantes. Ao mesmo tempo neles procura lançar as bases de uma estratégia de

inspiração anterioriana, que elege a revolução cultural das mentalidades como primeira condição para o êxito das reformas do novo regime político.

Num princípio de século em que, nos principais centros culturais europeus, novas correntes de pendor irracionalista começam a sobrepor-se ao cientismo e ao positivismo, Proença será um dos protagonistas entre nós de uma assumida transição de uma formação positivista para uma alternativa que tenho vindo a qualificar de espiritualista vitalista.

A sua aproximação a Jaime Cortesão e à nova geração de jovens republicanos que lançarão a *Renascença Portuguesa* torna-se, assim, mais compreensível, tanto mais que, já em 1911, publica na 1.<sup>a</sup> série de *A Águia* e na revista *Serões* novos artigos ainda mais reveladores das suas simpatias pelo espiritualismo vitalista <sup>1</sup>.

Tudo indicava, pois, que, neste dealbar do regime republicano entre nós, os tempos amadureciam para o desabrochar de um projecto cultural novo, capaz de injectar seiva mais vigorosa a uma intelectualidade republicana, que se instalara demasiadamente no conforto de uma mundivivência positivista doravante ameaçada na sua hegemonia.

### O PROJECTO DA «RENASCENÇA PORTUGUESA»

Jaime Cortesão, atento aos sinais dos tempos e inconformado com o fim à vista da publicação de *A Águia*, decerto por dificuldades financeiras, constitui-se então em profeta da ideia de fundar uma associação dos artistas e intelectuais portugueses com o duplo fim de defesa dos interesses dos seus associados e de exercício de uma acção «orientadora e educativa», «isenta de facciosismos políticos, dentro da actual sociedade» <sup>2</sup>.

É de novo a síndrome da Geração de 70 à solta... Os intelectuais como grupo organizado sedentos de uma intervenção orientadora de grandes reformas na sociedade portuguesa

---

<sup>1</sup> Cf. Raul Proença, «Jaime Cortesão — A Arte e a Medicina — Antero de Quental e Sousa Martins», *A Águia*, 1.<sup>a</sup> série, n.º 9, 1 de Maio de 1911, e «Movimento religioso contemporâneo», in *Serões*, n.º 72, Junho de 1911.

<sup>2</sup> Carta de Jaime Cortesão a Raul Proença, de 26 de Julho de 1911, in BN, Esp. E7/515.

do seu tempo, em confronto com a mediocridade reinante: «Você sabe: são os burros que triunfam e portanto a burrice também [...]»<sup>3</sup>.

Não por acaso é Raul Proença o escolhido por Cortesão para redigir o programa de tal associação, na sequência de contactos que com ele e outros intelectuais mantivera em Lisboa<sup>4</sup>. Porque lhe parece «a criatura mais competente para vencer a primeira dificuldade dessa empresa», porque «é homem para admirar esta ideia e lhe prestar todo o auxílio [...] como um diamante que é necessário lapidar», porque tem capacidades que não concorrem nele próprio, tais como «espírito sistematizador, orientação clara, educação filosófica, conhecimento do meio, uma cristalina fluidez de estilo, etc., etc.»<sup>5</sup>.

No espólio de Cortesão não se encontra a resposta de Proença. Mas foi rápida e positiva, como se deduz da carta que o poeta lhe endereça a 10 de Agosto, «ainda que não seja em tudo da sua opinião»<sup>6</sup>. É o primeiro alerta para as futuras divergências de orientação.

A 4 de Agosto, já Cortesão se dirigira por carta a Teixeira de Pascoaes<sup>7</sup>, sete anos mais velho e com crescente prestígio no meio poético, apresentando-lhe o projecto da nova associação em termos em parte semelhantes e em parte claramente adequados à sensibilidade própria do interlocutor. Com efeito, sublinha como um dos fins principais da «Associação de Artistas e Intelectuais» o de «pugnar pela Arte, dentro da Arte pelo espiritualismo», em evidente demarcação do naturalismo dominante, e esclarece melhor a necessidade do carácter sindical daquela como meio quer de afirmação pública perante os

---

<sup>3</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>4</sup> Cf. carta de Jaime Cortesão a Álvaro Pinto, de 22 de Julho de 1911, in Álvaro Pinto, «Para a história da Renascença Portuguesa», *Ocidente*, n.º 178, vol. XLIV, Fevereiro de 1953, p. 48. Nesta carta, refere-se a contactos com João de Barros, João de Deus, Correia de Oliveira, Beirão, Sérgio e Visconde de Vila Moura, para além de Proença mencionado em primeiro lugar. A heterogeneidade ideológica deste primeiro núcleo é já patente. Álvaro Pinto, como director da 1.ª série de *A Águia*, funciona aqui como ponte para os colaboradores da revista no Porto, já que Cortesão se encontrava em São João do Campo.

<sup>5</sup> *Idem, in BN, Esp. E7/515.*

<sup>6</sup> *Idem, in BN, Esp. E7/517.*

<sup>7</sup> Publicada por António Brás de Oliveira, in *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, S. 2, vol. 5, n.º 2, 1990, p. 188.

políticos que «tentam abafar-nos e absorvem quase por completo o interesse do público» quer de restituir «uma Raça ao seu profundo sentido»... Habilmente Cortesão afaga o ego nacionalista romântico de Pascoaes, ao mesmo tempo que estimula a reacção corporativa dos seus confrades numa conjuntura mediaticamente dominada pelos políticos republicanos acabados de ascender ao poder... Artistas e intelectuais teriam uma missão a cumprir e que não se confinaria afinal ao plano estético. Por último, se lhe dá conta do encargo cometido a Proença — aqui definido como «espírito claro, culto e bem orientado» —, de redigir o programa da Associação e o seu regulamento, não deixa de apelar: «Quer o Pascoaes auxiliá-los, dirigir-nos, aconselhar-nos, colaborar enfim connosco nesta Obra?» — num implícito reconhecimento da superioridade intelectual do confrade mais velho.

À ambiguidade de objectivos da Associação, oscilante entre propósitos estéticos, sindicais e doutrinários e de métodos organizativos, atraída tanto pelo secretismo como pela tentação da intervenção pública, junta-se assim agora a ambiguidade na escolha das personalidades liderantes...

Animado pelas respostas positivas de Teixeira de Pascoaes, Leonardo Coimbra, Cristiano de Carvalho (o artista plástico anarquista de *A Águia* <sup>8</sup>), Afonso Lopes Vieira, João de Barros, João de Deus e Lopes de Oliveira <sup>9</sup>, Cortesão marca, por sugestão de Pascoaes, uma primeira reunião preparatória em Coimbra para os dias 26 e 27 de Agosto. Por razões não explicadas, nenhum dos elementos de Lisboa comparece a essa reunião, onde Teixeira de Pascoaes acaba por ser escolhido para redigir um projecto de programa da Associação e se elabora um projecto de estatutos, ambos para posterior discussão em nova reunião marcada para Lisboa no dia 17 de Setembro <sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> Cf. a este respeito António Cândido Franco, «Carta a Joaquim Matos», in *Letras e Letras*, n.º 60, 4 de Dezembro de 1991. A ideia do carácter maçónico da Associação deve-se também a Cristiano de Carvalho (1874-1940), que ia ao ponto de pretender a sua subordinação como loja ao Grande Oriente (cf. carta atrás citada de Jaime Cortesão a Teixeira de Pascoaes, de 4 de Agosto de 1911).

<sup>9</sup> Cf. cartas de Jaime Cortesão a Álvaro Pinto, de 20 de Agosto de 1911, in *Ocidente*, art. e vol. cit., e a Raul Proença, de 22 de Agosto de 1911, in *BN*, Esp. E7/521.

<sup>10</sup> Cf. carta de Jaime Cortesão a Raul Proença, de 1 de Setembro de 1911, in *BN*, Esp. E7/517.

Por cartas dirigidas por Teixeira de Pascoaes a Álvaro Pinto a 7 e 8 de Setembro, ficamos a saber da impossibilidade de Pascoaes — então muito atarefado nas funções de juiz em Amarante — participar na segunda reunião, receoso por outro lado de «ferir susceptibilidades» e «para que não imaginem lá que me quero salientar neste assunto»<sup>11</sup>.

Alguma reacção, pois, despertara já no núcleo de Lisboa a escolha de Pascoaes para redigir o programa da Associação. Com efeito, na reunião de 17 de Setembro o confronto entre os dois núcleos é inevitável. Apesar de todos concordarem em entregar a Pascoaes a direcção literária da revista, já no plano dos fins programáticos o nacionalismo romântico subjacente ao projecto de Pascoaes choca-se com o europeísmo modernizante de Proença, Sérgio e outros. O texto de Pascoaes é posto de parte e Proença avançará com o seu próprio texto alternativo. Cortesão fica em posição melindrosa e escreve ao amigo quase uma semana depois:

Entendo que há todo o interesse em que se faça o que o meu Amigo quer fazer no seu artigo, mas receio que para nós seja demasiado cedo. Não seria mais conveniente segurarmo-nos primeiro? Veja bem. Necessitamos de tacto. Não nos precipitemos<sup>12</sup>.

A divergência de Cortesão não parece ser, pois, de fundo, mas apenas de oportunidade, ao contrário da reacção de Pascoaes, que, em carta a Álvaro Pinto, de 24 de Setembro, não esconde a sua decepção com a modificação da «nossa Ideia» «num sentido inferior», e desabafa:

Há muita gente obcecada por teorias científicas, sociais, etc., etc.! Há muita gente deslumbrada pelo falso fulgor que vem das nações da Europa. É preciso *acompanhar a Europa!*... e acabou-se! É, infelizmente, a preocupação de toda a gente portuguesa. É o nosso erro que já vem de antigos

---

<sup>11</sup> Cf. Álvaro Pinto, art. cit.

<sup>12</sup> Carta de Jaime Cortesão a Raul Proença, de 23 de Setembro de 1911, in BN, Esp. E7/518. O «artigo» a que Cortesão se refere é seguramente o texto alternativo de Proença redigido imediatamente após a reunião de 17 de Setembro. Fora necessária a «provocação», que para o nosso autor representava o texto de Pascoaes, para finalmente corresponder ao pedido que Cortesão lhe fizera na carta de 26 de Julho.

tempos. Portugal pertence à Europa, é certo, mas tem qualidades próprias e originais capazes de realizar, depois de reveladas e definidas, uma grande civilização. A revelação dessas qualidades é que chamei Renascença. Renascença é Revelação, não é Regresso ao passado!<sup>13</sup>

A solução de compromisso acabou por ser a de abandonar a ideia de um programa-manifesto, transpondo para os estatutos toda uma série de objectivos e iniciativas práticas em que os dois grupos eram concordes.

Mas vejamos mais pormenorizadamente o que separa as duas orientações em confronto, a partir dos textos dos respectivos projectos programáticos, para melhor entendermos a coerência de pensamento e estratégia que continua a guiar os propósitos de intervenção cívica de Proença.

O texto de Pascoaes, intitulado «Ao Povo Português 'A Renascença Lusitana'»<sup>14</sup>, apresenta como fim principal da nova associação a recuperação da autonomia e da pureza de uma «Raça» ou de uma «alma lusitana, a qual, devido a influências estrangeiras de natureza política, artística, literária e sobretudo religiosa, se tem adulterado nos últimos séculos da nossa História, perdendo o seu carácter, a sua fisionomia original e, portanto, as suas forças criadoras e progressivas». Essa seria a condição essencial para a edificação de uma nova civilização futura assente nos valores da Beleza, da Justiça e da Bondade. O 5 de Outubro teria sido um dos «alvoroçantes sintomas de renascença» dessa alma adormecida.

Para realizar tão transcendente fim, Pascoaes propõe três meios principais e alguns instrumentos práticos de actuação. Os meios seriam: «*dar ao povo uma educação lusitana e não estrangeira; uma arte e uma literatura, que sejam lusitanas, e uma religião no seu sentido mais elevado e filosófico, que seja também lusitana*». Essa nova religião, entendida como a expressão da «ansiedade poética das almas para a perfeição moral, para a beleza eterna, para o mistério da Vida», seria a da Saudade, original e «suprema criação sentimental da Raça», oposta ao catolicismo «importado de Roma» que «concorreu

---

<sup>13</sup> In Álvaro Pinto, art. cit.

<sup>14</sup> Acabaria por ser publicado no quinzenário *A Vida Portuguesa*, n.º 22, de 10 de Fevereiro de 1914, juntamente com o texto de Proença, por sua vez intitulado «Ao Povo 'A Renascença Portuguesa'».

para desnaturar o nosso carácter». E os instrumentos práticos, as conferências, os livros e uma «revista de literatura, filosofia, ciência, crítica social, etc., que se intitulará *A Águia* e será o órgão da sociedade». Pascoaes acrescentaria ainda «a Higiene e a Arte» «como os grandes factores do nosso Renascimento», a primeira, a que chama também Ginástica, para atingir a «harmonia física», a segunda para alcançar a «harmonia espiritual»<sup>15</sup>.

O apelo à colaboração em tão ambicioso projecto é feito indiscriminadamente «a todo aquele que acreditar no renascimento lusitano», a todos os «bons portugueses», não se exigindo que seja artista ou poeta ou sábio... O que desde logo punha em causa a inicial e ingénua pretensão de Cortesão quanto ao carácter secreto da novel associação.

Nada de mais estranho ao pensamento e à formação de Proença do que este apelo ao renascimento de uma pretensa «alma lusitana» e ao combate indiscriminado às influências estrangeiras. O peso do misticismo romântico e nacionalista que enformava o projecto de Pascoaes era demasiado grande e dificilmente suportável mesmo para quem já havia abandonado o frio positivismo da juventude e se abrira com algum entusiasmo às correntes do *vitalismo* espiritualista do dealbar do novo século.

O desafio estava, porém, lançado e Proença não o enjeitou. Havia que recuperar o diagnóstico já tantas vezes feito anteriormente aos «vícios mentais» dos portugueses e relançar em novos moldes o seu anterior projecto de «revolução mental», anunciado no artigo «Revolução» de 2 de Agosto de 1908 no jornal *O Republicano*, de Alcobaça.

Apesar dos sucessivos fracassos de anteriores iniciativas com o mesmo objectivo, haveria que dar resposta ao sentimento de mal-estar latente na sociedade portuguesa e à aspiração ou desejo «de alguma coisa — não se sabe bem o quê — que nos incite, que nos impulse, que nos una, que nos salve». Para tanto, deveria começar-se por identificar os «males concretos» a combater e logo se escolher o remédio adequado.

E uma vez mais Proença, na senda de Antero e Oliveira Martins, irá identificar como causa principal e genérica, em

---

<sup>15</sup> Cf. a respeito deste acrescento a carta de Pascoaes a Álvaro Pinto, de 8 de Setembro de 1911, in Álvaro Pinto, art. cit.



bora não única, da nossa «doença colectiva» os três séculos de educação jesuítica desencadeada pela Contra-Reforma, que levaram ao afastamento da sociedade portuguesa do mundo moderno. A própria educação do seu tempo, que se pretendia moderna, «apesar de todas as aparências, não tem feito mais que prolongar, por impulso adquirido, o movimento da Contra-Reforma, pensando muito a sério colaborar com a civilização moderna», na medida em que continuava a sobrelevar «a letra ao espírito, as palavras às ideias, as abstrações teóricas às realidades práticas». Mesmo as novas correntes de pensamento «d'além-Pirenéus», como o cientismo, o positivismo, o evolucionismo e o determinismo, entre nós tornaram-se inibidoras de qualquer acção, constituindo-se em fontes de preconceitos e novos dogmas, reforçando o anacronismo da nossa mentalidade «sem relação nenhuma com o meio europeu em que nos integramos fisicamente». «É como se fôssemos uma pústula no seio da Europa, onde circula ininterruptamente um sangue sempre novo e sempre vivificante» — exclama em tom dramatizante.

Já na terapêutica preconizada surgem, porém, algumas novidades, em relação ao que ele próprio preconizara em artigos anteriores. Por um lado, os problemas a resolver com urgência não se limitam aos educativos, antes são «variadíssimos», incluindo os «económicos, morais, literários, artísticos, financeiros, militares, coloniais». Por outro lado, para os resolver importava desde logo «criar em Portugal estas duas coisas absolutamente novas: uma *elite* consciente, uma *opinião pública* esclarecida».

Pela primeira vez, Proença reconhece a necessidade de alargar o campo estratégico a problemáticas não educativas, resolvida que entretanto estava a questão do regime político, e elege o binómio elite-opinião pública como o agente decisivo da revolução mental a operar.

A Renascença Portuguesa teria, pois, de ser um movimento que necessariamente se colocaria acima de partidos e seitas, à semelhança do que também já haviam preconizado os promotores da Liga de Educação Nacional em 1908. Como tal, nunca poderia cair no erro de se arvorar como portadora de uma nova religião, como pretendia Pascoaes, por mais que essa religião se apresentasse como lídima expressão do que de mais puro e original pretensamente existiria na cultura e na alma portuguesas.

Adivinhava-se que, para Proença, Sérgio e a maior parte dos seus amigos do núcleo de Lisboa, o projecto de Pascoaes enfermava, pois, de várias contradições: o seu nacionalismo anti-europeísta era fonte de regressão e não de progresso civilizador, como ele pretendia; o seu misticismo religioso da saudade, afinal fruto de uma simples elaboração doutrinária pessoal, era factor de divisão e não de unificação dos potenciais apoiantes de um amplo movimento reformador da sociedade portuguesa, assente em objectivos e soluções com força consensual.

Mas se a utopia pascoalina era facilmente detectável, o aparente realismo da alternativa proenciana não esconderia, por sua vez, uma outra utopia, de natureza estratégica esta, ao tudo fazer depender do binómio elite consciente-opinião pública esclarecida?

Para já, regressemos aos agitados episódios do parto da Renascença Portuguesa. Aparentemente neutralizado o projecto de Pascoaes, Proença investe todas as suas energias na organização do *comité* de Lisboa. Começam, porém, as dificuldades. De reunião para reunião diminuem os participantes. À sexta apenas comparecem três, para seu desespero e irritação de Cortesão<sup>16</sup>. Com a família doente, em difícilíssima situação financeira, deixa cair um irónico desabafo final:

Português imbecil ou vadio. E já é bastante sorte escapar a qualquer dos destinos, ficando só com o outro.

Pouco depois, porém, a situação parece melhorar, como se deduz da carta seguinte a Cortesão:

A Renascença vai por diante [...] Tem-se pensado e trabalhado<sup>17</sup>.

No entretanto, o projecto de estatutos apresentado na reunião de Lisboa fora certamente antes alvo de algumas correc-

---

<sup>16</sup> Cf. carta de Proença a Cortesão sem data mas seguramente de finais de 1911: «Recebi o seu postal, que vem fulo, sem razão alguma, porque se alguém se tem sacrificado aqui pela 'Renascença' sou eu, e reconheci tão bem que esse sacrificio e todos os mais que puder fazer são inúteis, que vou renunciar a esse papel» (BN, Esp. E25/855). O Lopes a que se refere tanto pode ser Afonso Lopes Vieira como Francisco Fernandes Lopes.

<sup>17</sup> *Idem*, in BN, Esp. E25/860.

ções e acrescentos de Proença, como se deduz da carta que Cortesão lhe dirige em 1 de Setembro<sup>18</sup>. Foi com certeza mais fácil o consenso em torno de alguns fins mais genéricos da nova associação e da sua organização interna do que em torno de um conjunto de ideias orientadoras da intervenção a exercer na sociedade portuguesa daquele tempo. «Promover a maior cultura do povo português, por meio do manifesto, da revista, do livro, da biblioteca, da escola, etc.» (artigo 2.º), era algo que não podia suscitar quaisquer reservas e constituía de há muito preocupação comum nos mais diversos meios republicanos.

António Sérgio, entretanto nomeado tesoureiro do *comité* de Lisboa, mostra-se igualmente empenhado tanto na organização da nova sociedade como na estruturação da revista, cujo primeiro número se ultimava<sup>19</sup>. Propõe duas secções para a revista — uma «Revista das revistas» e «Notas e comentários» —, dispondo-se a colaborar nesta última à *tour de rôle* com Proença e Afonso Lopes Vieira. Mas adverte significativamente:

Esses artigos não devem ser propriamente só de arte, letras ou ciências: todas as questões sociais devem na *Águia* ter lugar, desde que sejam tratadas com seriedade, sobriedade e certa altura de pontos de vista.

Não restam dúvidas, pois, sobre o empenhamento dos dois amigos na gestação da sociedade e da sua revista até aos finais de 1911 e ao aparecimento do primeiro número da nova série de *A Águia* em Janeiro de 1912.

Ambos, porém, se devem ter sentido ultrapassados ao depararem, nesse primeiro número, com o artigo de fundo de Pascoaes, que recuperava o essencial da tese que este defendera no seu manifesto programático. Com efeito, apesar de um intróito aparentemente consensual, em que se apelava para o ressuscitar da Pátria Portuguesa e para a união de todos os

---

<sup>18</sup> «Como veré é um esboço ainda muito incompleto e imperfeito. Faça-lhe o meu amigo as emendas que entender e mande depois» (BN, Esp. E7/517).

<sup>19</sup> Cf. cartas para Raul Proença, de 21 de Dezembro de 1911 e seguinte, in António Sérgio, *Correspondência para Raul Proença*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1987, pp. 32-33.

portugueses, «por mais diferentes que sejam as nossas ideias, sob o ponto de vista religioso, filosófico ou artístico», insistia-se no mito da saudade gerada por uma alma portuguesa e agora definida como um «*sentimento-ideia*» ou «*emoção reflectida*», «sangue espiritual da raça», muito para além do «seu aspecto superficial e anedótico de simples gosto amargo de infelizes». E voltava-se a condenar as «más influências literárias, políticas e religiosas vindas do estrangeiro»<sup>20</sup>.

A reacção de Proença e Sérgio não foi imediata. Tudo indica que durante alguns meses preferiram contemporizar com aquilo que por certo levavam à conta de simples liberdades poéticas de Pascoaes sem consequências de maior, tão pouco credível lhes parecia a tese defendida. Mas a insistência de Pascoaes no segundo número com um artigo, publicado embora na secção de literatura, em que desenvolvia a sua concepção da saudade como «*personalidade eterna da nossa Raça*»<sup>21</sup>, começa a preocupar Sérgio, que, em carta de 23 de Fevereiro, depois de felicitar Proença pelo seu artigo «A situação política» — publicado no mesmo número —, logo adverte:

Infelizmente o Pascoaes jurou que havia de matar o *Aiglon* logo à nascença: por toda a parte ouço protestos contra aquela insistência na deliquescente Saudade. Os rapazes tendem a fazer da revista um campo fechado da seita poético-neo-místico-saudosa<sup>22</sup>.

Nem por isso, porém, deixam de colaborar na revista. No n.º 3, Proença, na secção «Notas e comentários» — que, como vimos, fora idealizada por Sérgio —, assina uma crítica ao livro de Haeckel *História da Criação Natural*, de 1868, e cuja tradução portuguesa acabara de sair, quarenta e três anos depois... Retomando a crítica que já fizera ao evolucionismo do autor alemão no seu trabalho de juventude sobre o monismo positivista, vai agora mais longe ao propor uma visão evolucionista de inspiração claramente vitalista, segundo a qual «o mundo orgânico evolui em formas cada vez mais com-

---

<sup>20</sup> Teixeira de Pascoaes, «Renascença», in *A Águia*, 2.ª série, n.º 1, Janeiro de 1912, pp. 1-3.

<sup>21</sup> *Idem*, «Renascença (O espírito da nossa raça)», in *A Águia*, 2.ª série, n.º 2, Fevereiro de 1912, pp. 33-34.

<sup>22</sup> António Sérgio, *ob. cit.*, p. 33.

plexas, mais progressivas, mais diferenciadas», e em que «a linha que une os ápices da evolução biológica, essa grande cumeada que liga os altos cumes da Vida em cada período da sua evolução, parece ser uma linha ininterruptamente ascensional», «como se a Vida em cada período geológico tivesse mais fôlego, mais impulso do que nos períodos anteriores»<sup>23</sup>. E não poupa esse ídolo dos positivistas monistas portugueses ao considerá-lo «o filisteu que, sentindo-se de posse de meia dúzia de verdades novas, se imaginou Prometeu» e é hoje sujeito de toda a parte a «ataques impiedosos, não só à sua filosofia [...] mas ao seu próprio valor como naturalista, mais ainda — à sua própria proibidade intelectual»<sup>24</sup>. Eis uma posição que não deixava de comungar no sopro de espiritualismo vitalista que animava o grupo inicial de *A Águia* e podia ainda ser bem aceite nas páginas da revista.

A propaganda pública da Renascença estava, porém, claramente a cargo dos principais nomes do *comité* do Porto: Jaime Cortesão com conferências em Lisboa, no Coliseu dos Recreios, e no Porto, no Ateneu Comercial, em 23 de Março e 27 de Abril, Leonardo Coimbra com uma conferência em 16 de Março também no Ateneu Comercial do Porto, e finalmente o próprio Teixeira de Pascoaes com a sua célebre conferência de 23 de Maio no Ateneu Comercial do Porto, intitulada «O espírito lusitano ou o saudosismo»<sup>25</sup>, e em que pela primeira vez se utiliza este último termo para designar a nova «Religião da Saudade»<sup>26</sup>. Ao anunciar o novo movimento numa conferência pronunciada em nome da Renascença Portuguesa, com a finalidade de «fazer ouvir e de impor a sua palavra, porque nela existe a nossa Verdade e a nossa Redenção», Pascoaes identificava ostensivamente a Renascença com o seu saudosismo, ao mesmo tempo que atribuía a Leonardo Coimbra e a António Carneiro os lugares de, respectivamente, filósofo e pintor do seu movimento.

---

<sup>23</sup> Raul Proença, «Diferenciação e progresso (Reflexões de um ignorante)», in *A Águia*, 2.ª série, n.º 3, Março de 1912, pp. 97-98.

<sup>24</sup> *Idem, ibidem*, p. 91.

<sup>25</sup> Cf. Teixeira de Pascoaes, *A Saudade e o Saudosismo (Dispersos e Opúsculos)*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1988, pp. 43-58.

<sup>26</sup> Cf. António Cândido Franco, «Um balanço do saudosismo», in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, de 14 de Fevereiro de 1989.

## A DISSIDÊNCIA

Estamos em crer que é a partir desta conferência que se dá a separação de águas entre o *comité* de Lisboa, e particularmente Sérgio e Proença, e o núcleo nortenho da Renascença. Na ausência de testemunhos de uma reacção imediata dos dois amigos à conferência de Pascoaes, resta-nos a evocação que, muito mais tarde, Sérgio fará da ruptura de caminhos, sob o título «Sobre as correntes inclusas na 'Renascença Portuguesa' e seu destino»<sup>27</sup>:

Havia, pois, duas tendências opostas: a anti-intelectualista e a intelectualista, aquela dominada pelo bergsonismo, em que eu via uma possível raiz de alguns males. Ora o Pascoaes quis apresentar o seu «saudosismo» (anti-intelectualista) como sendo doutrina de toda a *Renascença*. Protestei, e o Proença comigo. A heterogeneidade do grupo ficou patente. Resolvi declarar o meu desacordo com todos os anti-intelectuais e saudosismos, e seguir sozinho o meu rumo próprio aproveitando as facilidades de carácter editorial que a *Renascença Portuguesa* me proporcionava<sup>28</sup>.

E tanto assim foi que, quando a 2 de Junho, se constituem em reunião realizada no Porto quatro comissões de «renascentes» com o objectivo de lançar um «quinzenário de inquérito à vida nacional» em torno dos problemas religioso, educativo, social e económico, nem Sérgio, nem Proença, nem nenhum outro nome relevante do *comité* de Lisboa delas farão parte. O que não impedirá Sérgio, desde logo um dos inquiridos, de vir a colaborar nas páginas desse quinzenário, entretanto baptizado com o nome de *Vida Portuguesa*, cujo primeiro número virá a lume em 31 de Outubro desse mesmo ano de 1912.

Também Proença será convidado por Cortesão a responder ao inquérito sobre o problema educativo<sup>29</sup>, mas dele não constará qualquer colaboração a esse respeito, provavelmente

---

<sup>27</sup> In Esp. A. Sérgio, s. d., mas provavelmente de 1958, publicado em Jaime Cortesão/Raul Proença, *Catálogo da Exposição Comemorativa do Primeiro Centenário (1884-1984)*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1985, pp. 53-57.

<sup>28</sup> *Idem, ibidem*, p. 54.

<sup>29</sup> Carta de Jaime Cortesão a Raul Proença, s. d., BN, Esp. E7/580.

em consequência do estado de abatimento e bloqueamento criativo que o acometerá por essa altura, conforme nos irá testemunhar a sua correspondência com Sérgio. A «Renascença» prosseguia, porém, com o seu projecto e a 9 de Junho inaugurava a Universidade Popular do Porto no Águia de Ouro, enquanto Lisboa se mantinha apática.

A 13 de Setembro, surge finalmente uma carta de Raul Proença no diário *República*, de António José de Almeida, na qual o nosso autor, para além de se insurgir contra o tom de desprezo com que Júlio de Matos se referira aos escritores da «Renascença» na sua resposta ao «Inquérito literário» de Boavida Portugal, explica os motivos da dissidência do núcleo de Lisboa, em termos em parte semelhantes e em parte significativamente distintos dos utilizados por Sérgio:

A Renascença tinha dois grandes núcleos: um, ao norte, entusiasta, febril, ébrio de dedicação e de audácia; outro, ao sul, pessimista, descrente, sem iniciativa e sem ímpeto. O primeiro era constituído por *poetas*, e, portanto, por criaturas de emoção; o segundo era formado por espíritos mais intelectivos, por médicos, por militares, por professores, por jornalistas.

O que se passou? O que era fácil de presumir: no fim de alguns números — muito poucos —, o que veio a predominar em *A Águia* não foi o lado intelectual da Renascença, mas a sua falange emotiva, mística, amorosa, de sonho e de mistério. Por culpa dos elementos do Sul, a Poesia tinha tomado posse da *Águia*, da primeira página até à última; por culpa dos elementos do Sul, a Renascença Portuguesa falhara completamente a sua missão.

O «saudosismo» a que se refere o Sr. Dr. Júlio de Matos foi assim um elemento *surajouté* e de modo algum orgânico e primitivo da Renascença Portuguesa <sup>30</sup>.

---

<sup>30</sup> «O Sr. Raul Proença analisa as declarações do Sr. Dr. Júlio de Matos» (carta de Raul Proença a Boavida Portugal), in *República*, de 13 de Setembro de 1912. O *Inquérito Literário* foi publicado entre Setembro e Dezembro de 1912 nas páginas do quotidiano de António José de Almeida e posteriormente reunido em volume pelo seu autor, acompanhado das réplicas e comentários da imprensa, que provocou (Livreria Clássica Editora, 1915). Nele participaram, além de Júlio de Matos, ao tempo reitor da Universidade de Lisboa, Júlio Brandão, Adolfo Coelho, Gomes Leal, Veiga Simões, Lopes de Mendonça, Augusto de Castro, João Grave, Gonçalves Viana e Malheiro Dias. Particularmente críticas para a Renascença e o sau-

Note-se como à simples divergência de orientações filosóficas sublinhada na explicação de Sérgio, Proença acrescenta o contraste entre as atitudes temperamentais dos dois grupos, o que o leva a responsabilizar em última análise o grupo do Sul pela incapacidade de manter a Renascença fiel aos seus propósitos originários:

Isto era a antítese do espírito que animava os elementos do Sul; poderiam estes ter feito entrar o movimento na trajectória que lhe competia; a sua inércia, porém, era absoluta; por isso, dentro em pouco, a Renascença ficou limitada aos seus elementos «saudosistas» e o tom predominante na revista foi o tom «saudosista»<sup>31</sup>.

Mas, apesar de convergir com Júlio de Matos na consideração da Saudade como um «sentimento depressivo, incapaz de revigorar uma raça», acaba por se insurgir contra o tom de desprezo com que o célebre psiquiatra positivista fala das qualidades literárias dos seus companheiros da fundação da «Renascença», que Proença continua a considerar «criaturas de alto valor, de nobre senso moral, credoras da nossa admiração e do nosso respeito»<sup>32</sup>.

E é então altura de Proença voltar a ajustar contas com o positivismo, em tom agora bem mais corrosivo e mesmo sarcástico, assim confirmando, aliás, que nesta fase o continua a ter como adversário principal no plano doutrinário:

Há-de fazer-se, talvez um dia, a história do que foi o positivismo em Portugal, e então ver-se-á que ele foi, em charlatanismo e filáucia, em dogmatismo asinino e em incompreensão estupenda, mil vezes mais degradante do que todos os «saudosismos» imagináveis<sup>33</sup>.

---

dosismo seriam também as opiniões de Júlio Brandão e Adolfo Coelho. De entre as réplicas, destacam-se, para além da de Proença, as de Cortesão, Teixeira de Pascoaes e Fernando Pessoa. As cartas de Proença seriam incluídas por Fernando Piteira Santos no Anexo G do seu volume *Raul Proença e a Alma Nacional*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1979, pp. 237-249.

<sup>31</sup> *Ibidem*.

<sup>32</sup> *Ibidem*.

<sup>33</sup> *Ibidem*.



A carta termina com uma valente reprimenda a Júlio de Matos, pelas flagrantes contradições, pela ignorante superficialidade e pela arrogante intolerância que revela na sua crítica, tanto mais que «se há pessoas com quem se deva ser correcto é exactamente com os novos, que ora entram em combate, e que mais não pedem senão que os compreendam». Significativo é também o modo como vem assinada: «*Raúl Proença, dissidente da Renascença*»<sup>34</sup>. É a primeira confirmação pública da ruptura operada no grupo, muito provavelmente pelo menos desde a conferência atrás citada de Pascoaes.

### DA DISSIDÊNCIA À COLABORAÇÃO DISTANCIADA

Esta reacção de Proença não passa despercebida a Pascoaes e aos renascentistas do Norte, que se sentem na obrigação de responderem aos ataques de que começam a ser vítimas, sobretudo da parte dos meios positivistas dominantes.

Assim, no número de Outubro de 1912 de *A Águia*, encontramos dois artigos, um de Pascoaes e outro de Jaime Cortesão<sup>35</sup>, que reflectem bem essa necessidade, com a particulari-

---

<sup>34</sup> *Ibidem*

<sup>35</sup> Curiosamente, ao contrário do de Pascoaes, o artigo de Cortesão, intitulado «Da Renascença Portuguesa e seus intuitos», não contém qualquer alusão a Proença, apesar das relações de íntima amizade que já uniam os dois escritores e do propósito explícito de tranquilizar aqueles que, como Proença, consideravam incompatíveis o saudosismo e as aspirações modernas e criticavam o seu excessivo nacionalismo antieuropeu («como se acaba de ver, a Renascença Portuguesa não é incompatível com as aspirações modernas e de forma alguma também afasta, e antes promoverá, no povo português, a parte da boa cultura que a Europa lhe possa trazer»). A argumentação de Cortesão em favor do saudosismo procura, contudo, uma melhor e mais crível fundamentação, pelo recurso às teorias psicológicas da época, de Ribot a Payot, que realçavam a importância dos impulsos afectivos na educação da vontade, terapêutica esta essencial para um povo como o português, que a educação jesuítica e a perda da consciência nacional no findar do século XVI mergulhara na «fraqueza» e na «hesitação da vontade, impulsiva e brusca, resolvendo-se em fogachos de pouca duração». E procura dar da saudade uma noção acentuadamente criativa e antidepressiva: «A saudade, assim, bem longe de ser um sentimento mórbido e regressivo, passa a ser o espírito lusitano criador, levando a raça às suas maiores realizações de heroísmo e beleza.» Referindo-se a este artigo, na carta que enderecerá a Pascoaes em finais de 1912, Sérgio reconhece que o mesmo

dade de o primeiro ser justamente dedicado a Raul Proença. Com efeito, Pascoaes não deixa de acusar o toque das críticas expressas, entre outros, por Júlio de Matos, embora sem nunca o citar, quando denuncia, com rara violência, a atitude dos «pseudoportugueses, mais ou menos envernizados de literatura», que «os guerreiam com todas as armas, desde a facada traiçoeira à calúnia vil», assim representando «o estrangeirismo defendendo-se»<sup>36</sup>. Mas, simultaneamente, aproveita o ensejo para dirigir um apelo a Proença, Sérgio e demais dissidentes para regressarem à «Renascença», da qual se teriam separado, segundo ele, em consequência de um simples «mal-entendido». Decerto sensibilizado pela atitude de solidariedade moral tomada por Proença, elege-o como principal destinatário desse apelo e da inerente tentativa de dissipar o que continua a considerar não passar de um mal-entendido.

O esforço de acrobacia intelectual patente nessas poucas linhas do artigo é deveras notável. Por um lado, Pascoaes não abdica de um só dos pressupostos do seu saudosismo, nomeadamente da crença religiosa numa «alma lusitana, que se revela como síntese do princípio sensual e do princípio espiritual», com a respectiva expressão no campo estético. Mas, por outro lado, e uma vez que «a sua intransigência não vai além do campo religioso e artístico», insiste em considerar tal crença perfeitamente compatível com «o moderno espírito europeu» e com «os progressos realizados lá fora», «embora sem perder o seu perfil inconfundível». Por consequência, e numa alusão ao manifesto que Proença redigira para a «Renascença», também «o programa do Sr. Raul Proença não é incompatível com a orientação da 'Renascença Portuguesa'», antes se completando ambos.

Só que Pascoaes não prescinde de uma condição: a de que o «ilustre escritor faça as pazes com a alma do seu Povo», essa «alma lusitana, essencialíssima à criação do novo Portugal que nós sonhamos»<sup>37</sup>. Era como se Pascoaes acabasse por retirar

---

«estas ideias que me parecem justas; mas onde, em meu breve entender, ele falha, é no momento em que pretende ligá-las à teoria da saudade, com a qual eu as vejo na oposição mais completa» (BN, Esp. E7/93).

<sup>36</sup> Teixeira de Pascoaes, *O Saudosismo e a Renascença*, in *A Águia*, 2.ª série, n.º 10, Outubro de 1912. A referência mais adiante à «estupidez ilustre» e à «estupidez graduada em letras ou em ciências» indicia sem margem para dúvidas os «pseudoportugueses» em causa.

<sup>37</sup> *Idem, ibidem.*

com uma mão o que oferecia com a outra... Porque o buslís da questão, aquilo que impedia que tudo se resumisse a um mero mal-entendido, consistia precisamente na pascoalina tentativa de impor o credo saudosista na famosa alma lusitana como credo comum da nova sociedade da «Renascença Portuguesa»<sup>38</sup>.

Estranhamente, Proença não responde a este apelo, nem sequer aproveita o ensejo para se envolver em polémica com o poeta do *Marânus*, ele que dificilmente resistia aos encantos de uma boa e rija contenda de ideias. Pela correspondência trocada neste período com Sérgio, sabemos que o seu estado de saúde se complicara<sup>39</sup>.

Já Sérgio, porém, não hesita em responder ao apelo de Pascoaes. Em carta a Proença de Novembro de 1912, enviada de Londres, onde entretanto o chamavam os seus trabalhos profissionais, comunica-lhe: «Visto que o Pascoaes nos fala com carinho e simpatia, como filhos pródigos que deseja ver de regresso à *Renascença*, senti-me obrigado a responder-lhe ao convite generoso.» E pede a Proença «o seu parecer, numa crítica *severa* e pormenorizada», sobre o teor da carta que tenciona enviar a Pascoaes e cuja cópia lhe remete. O combate ao saudosismo, pretende-o Sérgio um combate conjunto: «Neste ponto especial do saudosismo e da *Renascença*, já que a boa sorte nos colocou de companhia no início da contenda, muitíssimo me agradaria que assim pudéssemos continuar.» E anuncia a crítica aos conceitos de Pascoaes apresentados como credos e dogmas da *Renascença*, tais como a «intransigência

---

<sup>38</sup> A tese do mal-entendido é também partilhada pelo editor de *A Águia*, Álvaro Pinto. A distância física entre os *comités* de Lisboa e Porto impedira a «permuta de ideias» e a «troca de impressões» — afirma ele em resposta a uma carta de Proença pejada de «tantas censuras graves para quem tão alto se elevou pelo seu talento». E lamenta que tanto Proença como Sérgio tenham deixado de colaborar, impedindo assim que se «estabelecesse a discussão e de cada lado se transigisse o que fosse digno e honesto». O tom da missiva é nitidamente conciliador, deixando transparecer um apelo à solidariedade e ao regresso à novel associação («O Proença tinha obrigação de ficar, por amor de si e à *Renascença*»), num momento em que «tanto '*Renascença*' como '*Águia*' ou têm sofrido rudíssimos golpes ou têm parecido outra coisa diferente do que são» (carta de Álvaro Pinto a Raul Proença, de 19 de Outubro de 1912, in BN, Esp. E7/1568).

<sup>39</sup> Cf. António Sérgio, «Cartas a Raul Proença, de 2 e 3 de Dezembro de 1912», *ob. cit.*, pp. 36-37.

artística e religiosa» e a «exclusão da cultura estrangeira». Sérgio não se coíbe ainda de dar largas à sua indignação pelo facto de a única excepção ao privilégio de conceder a Pascoaes a autoria do artigo de fundo de *A Águia* ter sido aberta para Fernando Pessoa e o seu «Super-Camões», tornando assim a «Renascença» «solidária dessa revivescência do que houve de mais imbecil e decaído no espírito português: o desvairamento histórico em que nos deixou Alcácer». E desabafa com visível irritação e sem medir o alcance da objurgatória:

Para esses delírios devia haver hoje Rilhafoles, como houve em tempos o Santo Ofício — meio bárbaro de defender o equilíbrio da mentalidade <sup>40</sup>.

Sérgio vai, por conseguinte, assumir o encargo de demonstrar a Pascoaes que aquilo que o separa dele e de Proença é muito mais do que um simples mal-entendido. A longa carta de onze folhas manuscritas que acaba por lhe endereçar de Londres contém o essencial da argumentação que desenvolverá posteriormente ao longo da polémica travada a partir de Outubro de 1913 nas páginas de *A Águia*. Desde a discordância de fazer da saudade a «alavanca para a reformação de um povo» à crítica ao que há de abominável em qualquer intransigência religiosa e artística, passando pela demonstração da falta de originalidade de uma concepção da saudade como a defendida por Pascoaes, bem como pela censura ao desprezo do poeta pelas questões económicas e sociais — tudo está já aqui contido num tom ainda bastante sereno e cordato. E conclui com algumas propostas práticas que funcionariam provavelmente como as condições mínimas para um entendimento entre os dois grupos de intelectuais desavindos: liberdade de

---

<sup>40</sup> António Sérgio, «Carta a Raul Proença, de Novembro de 1912», in *ob. cit.*, pp. 35-36. Esta carta confirma o alto grau de intimidade e confiança que se gerara entretanto entre os dois amigos. Sérgio vai ao ponto de pedir a Proença que a sua «crítica severa e pormenorizada» se exerça sobre «todas as cousas minhas que já foram, e que acaso lhe venham ainda ter às mãos». E assina desta feita como «Seu amigo de verdade e admirador». Não sabemos se Proença terá ou não respondido ao apelo de Sérgio no que toca à carta em questão, já que no espólio de Pascoaes não se encontra a carta de Sérgio recebida pelo poeta, de molde a podermos compará-la com a cópia que lhe fora enviada. Mas dificilmente discordaria do essencial da argumentação do amigo.

investigação de qualquer dos aspectos do problema português, máxima tolerância e liberdade de crítica no seio da sociedade em relação a todos os pontos de vista religiosos, políticos, estéticos ou literários, sem que a teoria pessoal de cada sócio fosse apresentada em artigo de fundo e «jamais em nome da Renascença».

A resposta de Pascoaes não se faz esperar e é dada em público nas próprias páginas de *A Águia* <sup>41</sup>. Em tom igualmente afável, insiste na adequação do seu conceito de saudade às características da alma portuguesa, para daqui concluir, sem decerto se aperceber da petição de princípio subjacente a tal raciocínio, que «o *Saudosismo* não é uma criação do meu espírito, sem realidade fora de mim», nem por consequência fruto de imposição sua à *Renascença Portuguesa*, «composta de indivíduos de carácter autónomo e inconfundível, embora muitos deles concordem comigo». Ficariam deste modo eliminados os obstáculos levantados por Sérgio à sua colaboração:

Já vê o meu ilustre camarada que nada o pode separar da *Renascença*, a qual espera ainda o seu vigoroso esforço e a sua bela inteligência <sup>42</sup>.

Uma resposta deste teor ameaçava transformar o diálogo encetado numa conversa de surdos. E por isso Sérgio dirá a Proença:

Creio que não há nada a responder ao P. Ele continua afirmando existir uma filosofia, uma religião, uma política na *Saud* <sup>43</sup>.

---

<sup>41</sup> Teixeira de Pascoaes, «Ainda o saudosismo e a Renascença», in *A Águia*, 2.<sup>a</sup> série, n.º 12, Dezembro de 1912, pp. 185-187. Numa nota a este artigo, publicado na recolha que organizou dos textos de Pascoaes sobre a Saudade e o Saudosismo, Pinharanda Gomes interpreta erradamente a referência de Pascoaes ao «silêncio de absoluto desprezo» para com quem o vinha «estupidamente agredindo» — num comportamento oposto ao de Sérgio considerado «um amigo inteligente que discorda» —, como uma alusão a Raul Proença, com quem Pascoaes teria tentado dialogar, «mas que, pela sua acidez de expressão, magoou o poeta» (Teixeira de Pascoaes, *ob. cit.*, p. 63). Nada de mais errado, como já demonstrámos, até porque as relações entre Proença e Pascoaes foram sempre de uma correcção exemplar, como o atesta a correspondência posterior entre ambos.

<sup>42</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>43</sup> António Sérgio, «Carta a Raul Proença, de 30 de Dezembro de 1912», in *ob. cit.*, p. 46.

Por entre ataques, críticas mais ou menos ferozes e dissidências sem remédio, a «Renascença Portuguesa» prosseguia, porém, o seu caminho: em Setembro de 1912 fora fundado o *comité* do Rio de Janeiro, a Universidade Popular do Porto reabriu a 27 de Outubro, a de Coimbra, a 24 de Novembro, sucediam-se as conferências e publicações de Cortesão, Leonardo Coimbra e Pascoaes, e o quinzenário *Vida Portuguesa* era lançado, como já vimos, a 31 de Outubro, dele se vindo a publicar 39 números até Novembro de 1915.

A publicação deste quinzenário, dirigido por Cortesão e que se assumia como o boletim da «Renascença Portuguesa», representou, porém, para Sérgio uma esperança. Em carta ao seu director, datada de 22 de Novembro de 1912, afirma-o explicitamente: «A *Vida Portuguesa* é para mim uma esperança: poder-se-ão evitar nela os erros em que *A Águia* tropeçou.» E inquirir sobre a possibilidade de dela fazer «um campo livre», sem «dogma colectivo», aberta à discussão de «todas as opiniões de todos os sócios da *Renascença*», incluindo as de Cortesão e Pascoaes, nem que fosse através de uma secção especial «a que se chamaria *Tribuna Livre*» e onde estaria disposto a colaborar como «o mais abandonado e herege dos seus amigos», pronto a «compatibilizar-se com a sua Igreja», graças à «elevação de novo sacerdote». A proposta de Sérgio parte, uma vez mais, do pressuposto de que a «Renascença» devia continuar fiel aos objectivos genéricos prescritos nos seus estatutos e a algumas generalíssimas e comuns ideias essenciais, assim definidas: «que a Nação Portuguesa poderá levantar-se, se o quiser; que é mister acordar as almas pelo sentimento; é preciso chamar todos à grande obra colectiva»<sup>44</sup>. E em vésperas de partida para o Brasil, considera-se desde já «ao serviço da Renascença»... No dia seguinte, comunica a Proença o seu agrado pelo teor do novo quinzenário e a proposta feita a Cortesão «pedindo-lhe no jornal uma parte *livre*, para os que não aceitem a orientação de *A Águia* e para todos os que aparecerem», e incentiva o amigo a colaborar nessa parte, caso o pedido seja satisfeito<sup>45</sup>.

---

<sup>44</sup> *Idem*, «Carta a Jaime Cortesão, de 22 de Novembro de 1912», in *ob. cit.*, pp. 221-222. Note-se, a talho de foice, esta referência, em jeito de concessão, ao papel do sentimento no despertar das almas, para quem sempre apostou na primazia da razão e da vontade...

<sup>45</sup> *Idem*, «Carta a Raul Proença, de 23 de Novembro de 1912», *ibidem*, p. 36.

Em suma, enquanto corta as pontes com Pascoaes, Sérgio admite um entendimento com Cortesão, com quem, aliás, já entretinha relações de mais íntima amizade, e dispõe-se mesmo a colaborar com a «Renascença», reentrando como sócio. A resposta de Cortesão não podia ser outra senão positiva <sup>46</sup>. Com efeito, Sérgio manterá nos anos seguintes uma colaboração regular na *Vida Portuguesa* e recorrerá à editora da «Renascença» para publicar os seus trabalhos, tendo vindo mesmo a ser convidado por Álvaro Pinto a fazer uma conferência em benefício da «Renascença» no Rio de Janeiro, onde se encontrava. A insistência daquele para que propagandeasse o movimento literário de *A Águia* causa-lhe, porém, um nítido incômodo, já que pretendia apresentar a «Renascença» como uma sociedade empenhada na promoção cultural do povo português e não como uma mera sociedade de literatos, que seria impróprio da sua parte estar a elogiar ou a criticar.

De novo fica clara a divergência de concepções sobre as prioridades da Renascença, que Sérgio, com a concordância de Proença, continua a subordinar à letra dos seus estatutos e a considerar semelhantes às das Conferências Literárias do Casino de 1871 <sup>47</sup>. E de novo o assalta a dúvida de continuar a colaborar ou voltar a dissidir:

Se vejo que aquilo continua cooperativa do elogio mútuo e de charlatanismo, deixarei de escrever para a *Águia* e *Vida*, voltarei ao bom silêncio, donde não deveria talvez ter saído <sup>48</sup>.

---

<sup>46</sup> Apesar de a carta de Cortesão não figurar no espólio de Sérgio, é o que se deduz da carta deste a Proença, de 2 de Dezembro de 1912: «O Cortesão dá-me lugar na *Vida Portuguesa*; quando tiver tempo escreverei alguma coisa: acompanha-me?» (*Ibidem*, p. 37.)

<sup>47</sup> *Idem*, «Carta a Raul Proença, de Setembro de 1913», *ibidem*, pp. 80-81.

<sup>48</sup> *Idem*, «Carta a Raul Proença, de Setembro de 1913 [a seguir à anterior]», *ibidem*, p. 81. Mais adiante acrescenta, cáustico: «Pode-se ter talento e ser parvo; e deles alguns têm talento (principalmente o Cortesão), mas por enquanto quase todos são parvos, ou por outra, estão *verdes*. Há verduras que duram até aos 60 anos, e outras que acabam aos 14 e 15.» Note-se como Sérgio continua a privilegiar Cortesão e a zurzir preferencialmente nos restantes nomes do grupo do Norte, particularmente Pascoaes e Leonardo Coimbra. Apesar de todas as divergências, o triângulo afectivo Cortesão-Proença-Sérgio vai resistindo.

Era notório, aliás, que a colaboração de Sérgio era mais tolerada do que desejada, como o próprio reconhece com visível irritação, pois sente-se sócio com os mesmos direitos que os restantes e a quem fora expressamente reconhecida a liberdade de crítica no convite para o reingresso<sup>49</sup>. Significativo ao mesmo tempo é o remoço que lança a Proença sobre a maior generosidade que este demonstra para com o grupo dirigente da «Renascença»:

Tenho tido ocasião de observar que você, Proença, é muito mais generoso e menos picante que eu. No caso particular dos rapazes talvez porque os conheça melhor, porque é deles amigo há bastante tempo<sup>50</sup>.

Tudo indica, pois, que também Proença não cortou as pontes com a «Renascença», apesar de, provavelmente em consequência do seu deficiente estado de saúde, se manter alheio a qualquer colaboração na *Vida Portuguesa*<sup>51</sup>, bem como a intervenções públicas em nome da «Renascença», recusando o convite que Álvaro Pinto lhe dirige em 20 de Fevereiro de 1914 para representar a sociedade no IV Congresso Pedagógico da Liga Nacional de Instrução<sup>52</sup>. Limitar-se-á a publicar alguns, escassos, artigos em *A Águia*.

Cremos poder concluir, por conseguinte, que a inicial dissidência de Sérgio e Proença não conduziu a um corte total com a Renascença, as suas publicações e as suas iniciativas, que continuavam a observar com alguma simpatia quando

---

<sup>49</sup> Sérgio não hesita mesmo em afirmar a Proença que Pascoaes e Cortesão, nas suas funções de directores das publicações da Renascença, não passam de delegados dos sócios e «nada mais» (cf. *ibidem*, p. 82).

<sup>50</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 81. É ocasião para lamentarmos a perda das cartas de Proença para Sérgio, que nos esclareceriam decerto melhor sobre a atitude que o nosso biografado mantém ao longo deste período para com o grupo do Norte da «Renascença».

<sup>51</sup> Apesar da insistência de Sérgio em carta de Maio de 1913: «Desolado não ver colaboração sua na *Vida Portuguesa* (na *Águia* não me importa: é, como já aqui lhe ouvi chamar, uma revista de nefelibatas)» (*ibidem*, p. 54). E em carta de 21 de Junho seguinte: «Espero que um dos próximos números da *Vida Portuguesa* me traga um artigo seu, para que o veja também em letra de imprensa» (*ibidem*, p. 55).

<sup>52</sup> Álvaro Pinto, «Carta a Raul Proença, de 20 de Fevereiro de 1914», in *BN*, Esp. E7/1571.



inseridas na finalidade estatutária da promoção cultural do povo português e da análise dos grandes problemas nacionais. Mantendo embora a sua total discordância em relação à tentativa de identificar a «Renascença» com o credo saudosista, Sérgio e Proença como que se sentem ainda ligados por um cordão umbilical a um certo tipo de projecto de intervenção cultural e cívica dos intelectuais, que a Renascença era até então a única instituição a corporizar. Em suma, passam da dissidência a uma colaboração distanciada, pontual e crítica. E não por acaso manter-se-ão como sócios da Renascença Portuguesa, como se comprova pela lista de sócios publicada na obra de Paulo Samuel *A Renascença Portuguesa, um Perfil Documental*, que este autor situa por volta de 1915.

Ao mesmo tempo, Proença como que abdica ou delega em Sérgio o ajuste de contas teórico com Pascoaes no que ao saudosismo diz respeito. Tarefa esta de que Sérgio se encarregará a preceito, depois de, ao longo do primeiro semestre de 1913, ir confidenciando a Proença a crescente irritação que lhe causa a pregação pascoalina.

Seja como for, a investigação a que procedemos permite concluir por uma atitude mais generosa de Proença para com o grupo dirigente da Renascença Portuguesa, em contraste com a inclemência de Sérgio na polémica com Pascoaes. Ambos, porém, enveredam, afinal, por uma dissidência colaborante nas iniciativas da Renascença enquadradas na finalidade estatutária da promoção cultural do povo português e da análise dos grandes problemas nacionais, ao serviço de um projecto de intervenção cívica dos intelectuais. Um projecto que terá futuramente na *Seara Nova* a sua grande tradução institucional.